

Agora, os credores temem que Brasil peça moratória

— O "empurão" que o Comitê de Assessoramento estava precisando, para marcar a data de assinatura dos contratos do novo empréstimo de US\$ 6,5 bilhões ao Brasil, aconteceu agora com o anúncio da "moratória" argentina: representantes de bancos estrangeiros confirmaram ontem que suas matrizes ficaram temerosas de ver outros países acompanhando o exemplo de Raul Alfonsín, que suspendeu os pagamentos externos por seis meses.

Até mesmo os economistas do Subcomitê de Economia, Douglas Smee e Hans Grimm, demonstraram esta preocupação em sua rotina de trabalho ontem em Brasília. Mas o chefe da Assessoria Internacional da Secretaria do Planejamento (Seplan), Akihiro Ikeda, preferiu "esperar para ver" o que vai acontecer realmente com a Argentina e os ban-

cos credores. O assessor do ministro Delfim Netto disse "não acreditar que a decisão argentina tenha algo a ver com a dívida brasileira".

De acordo com o professor da Universidade de Brasília, Bercio Garcia Munhoz, o maior temor dos credores é a formação do chamado "clube de devedores", ou mesmo o desencadeamento de moratórias simultâneas na América Latina, onde estão os três maiores devedores do mundo (Brasil, México e Argentina). Até agora tanto o Fundo Monetário Internacional quanto os bancos privados multinacionais têm procurado evitar qualquer tipo de "renegociação paralela" — e o anúncio da Argentina, mesmo não sendo uma moratória de três anos — como pretende no Brasil o PMDB — pode parecer um estopim.